rba Revista Brasileira de Alfabetização

CARTAS DE DEVOTOS DO BOM JESUS DA LAPA: A RELIGIOSIDADE EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO

LETTERS FROM DEVOTEES OF BOM JESUS DA LAPA:
THE RELIGIOSITY IN LITERACY PRACTICES

Elvina Perpétua Ramos Almeida
Universidade Estadual da Bahia
elvinaramos@hotmail.com

Isabel Cristina Alves da Silva Frade
Universidade Federal de Minas Gerais
icrisfrade@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta dados da tese "Letramentos em escritas de fé: as cartas dos devotos de Bom Jesus da Lapa" e reflete sobre práticas de letramento envolvendo a religiosidade, em ambiente ainda pouco explorado nas pesquisas brasileiras, e mostra maneiras pelas quais o letramento funciona na sociedade. Nosso objetivo é analisar práticas sociais de letramento e sua relação com a religiosidade, por meio de cartas de devotos. A pesquisa de campo foi realizada no Santuário Bom Jesus da Lapa, localizado na região Centro-Oeste da Bahia, reconhecido por suas romarias desde o final do século XVII, um espaço simbólico, de devoção, associado aos milagres e expressões de fé dos devotos do Bom Jesus. Sob o aspecto metodológico, o estudo situa-se fundamentado no paradigma qualitativo e de cunho etnográfico. Os resultados apontam que os enunciados materializados nas cartas focam a religiosidade dos fiéis inserida na coletividade, na cultura religiosa e nos escritos a ela relacionados, caracterizando o gênero como uma das práticas letradas situadas e configuradas pelo Santuário e pelo sagrado.
Palavras-chave: práticas de letramento; religiosidade; cartas de devotos; Bom Jesus da Lapa.

ABSTRACT

This article presents data from a PhD thesis "Literacies in Faith-Based Writing: The Letters of Devotees of Bom Jesus da Lapa" and reflects on literacy practices related to religiosity in a context that has been little explored in Brazilian research, highlighting the ways literacy operates within society. Our objective is to analyze social literacy practices and their relationship with religiosity through letters written by devotees. The field research was conducted at the Bom Jesus da Lapa Sanctuary, located in the central-western region of the state of Bahia, Brazil, a site recognized for its pilgrimages since the late seventeenth century. The sanctuary constitutes a symbolic space of devotion associated with miracles and with the expressions of faith of the devotees of Bom Jesus. Methodologically, the study is grounded in a qualitative paradigm and follows an ethnographic approach. The results indicate that the statements materialized in the letters focus on the religiosity of the faithful as embedded in collective life, religious culture, and the written practices related to it, characterizing this genre as one of the situated literacy practices shaped by the sanctuary and by the sacred.
Keywords: literacy practices; religiosity; letters from devotees; Bom Jesus da Lapa.

1. INTRODUÇÃO

Ao focar este trabalho no campo do letramento, interessa-nos inevitavelmente refletir sobre a diversidade, ou seja, importa reconhecer que há variados modos e possibilidades de uso da leitura e da escrita, múltiplas formas de comunicação, construção de sentidos e experiências em eventos e práticas de letramento. Essas práticas não podem ser isoladas nem tratadas como neutras ou meramente técnicas (Street, 1984), uma vez que são influenciadas por condições socioeconômicas, culturais, políticas e educacionais, que ocorrem em diferentes contextos.

O entendimento é de que as pessoas fazem uso do letramento nos diferentes domínios da vida, como casa, igreja, escola, trabalho, entre outros. Assim, as variadas formas de ser e estar no mundo sustentam e nutrem a importância dos diferentes tipos e formas particulares de escrita, destacando que não há um só letramento, mas vários, por isso, "letramentos" – no plural (Street, 1984; Barton, 2007; Barton; Hamilton, 2004).

Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado (Almeida, 2021) que descreve o letramento em um contexto específico, qual seja, uma instância religiosa**:** o Santuário Bom Jesus da Lapa, um importante centro de romaria do Brasil, situado no município de Bom Jesus da Lapa, em um morro com diversas grutas, na região Centro-Oeste da Bahia. Esse lugar se tornou uma hierofania, para utilizar um termo de Mircea Eliade (1992 [1957]), p. 25), um ponto de afluência de peregrinos e manifestações da fé devocional, cuja imagem do Bom Jesus é o símbolo fundamental de produção do sagrado. No ano em que celebrou 334 anos, a tradicional Romaria do Bom Jesus foi reconhecida oficialmente como manifestação da cultura nacional por meio da Lei n.º 15.197, de 05 de setembro de 2025 (Brasil, 2025).

Como parte da sensibilidade religiosa individual ou coletiva, as romarias, segundo Steil (1996, p. 59), estabelecem múltiplos discursos e "oferecem um amplo repertório linguístico de signos, símbolos e ritos que os romeiros manipulam para lidar com as situações novas colocadas pela modernização". Ainda segundo o autor, esse encontro com o sagrado é continuamente reinventado, de modo a fortalecer as bases religiosas, a formação de valores e o enquadramento em determinadas formas de comportamento.

Nesse contexto, as práticas vivenciadas nas romarias estão particularmente ligadas aos votos, ou às promessas, para atender aos próprios propósitos e necessidades. A escrita e entrega de cartas é uma dessas práticas, que mobiliza os devotos de forma reiterada. O gênero epistolar, em sua forma de organização, constitui-se em carta votiva, quando se trata de pedido ao sagrado, pautado no compromisso de cumprir uma promessa. A carta ex-votiva pauta-se no reconhecimento de que o pedido foi atendido; portanto, é uma forma de pagamento da obrigação, um agradecimento de forma especial.

As correspondências são escritas na privacidade e destinadas a um santo protetor, em sua maioria ao Bom Jesus da Lapa. Trata-se de documentos que os próprios autores enviam ou expõem no Santuário com a intenção de um pronunciamento público e que precisam ser mostrados a possíveis leitores deste mundo para se tornarem objetos votivos. Nesse sentido, um aspecto inerente ao gênero em questão é que a carta só tem valor de oferenda votiva ou ex-votiva a partir de sua exposição no ambiente sagrado; dessa forma, a entrega permite que o texto adquira um novo ***status,*** marcado por categorias antagônicas como público/privado e individual/coletivo.

Além disso, as cartas não podem ser compreendidas apenas como textos, mas como materialidades que ganham diferentes contornos, conforme sua forma de exposição que, por sua vez, leva a diferentes apropriações por aqueles que cuidam de sua exposição, conservação e descarte, bem como pelos leitores que frequentam o Santuário. Seus discursos comportam as subjetividades dos

correspondentes, uma vez que têm por base experiências íntimas, manifestam existências e reafirmam identidades, fatores que tornam essas escritas de grande importância e legitimidade cultural. Nesse sentido, buscamos refletir: como se constituem as práticas sociais de letramento e sua relação com a religiosidade, por meio das cartas de devotos do Bom Jesus da Lapa?

Ao buscar essa reflexão, a opção metodológica foi pelo paradigma qualitativo, tendo como fundamento os princípios da etnografia (Alves-Mazzotti; Gewandsznajder, 1998). Por se caracterizarem como mais apropriados à geração de dados, foram utilizados os seguintes procedimentos e instrumentos: observação participante, análise documental e entrevista semiestruturada. No que se refere aos princípios e procedimentos éticos e legais na realização da pesquisa, para garantir a integridade dos estudos, os envolvidos tiveram conhecimento do conteúdo do projeto e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Para analisar os usos e os significados das práticas de letramento, em interface com as noções de gênero e de práticas discursivas, fundamentamo-nos em Bakhtin (2011 [1979], p. 395), ao considerar o texto (oral ou escrito) como a realidade do pensamento e da vivência humana e como elemento fundante de todos os discursos. As cartas foram recolhidas no próprio santuário e cabe explicar que são raras as correspondências conservadas pela instituição e que sua exposição é transitória, uma vez que elas são expostas por um período e, logo após, substituídas por outras. Para acolher as cartas dos devotos, existe na Sala das Promessas um recipiente destinado à exposição dessas cartas com a indicação: “Cartas ao Bom Jesus da Lapa”. Realizamos uma categorização de 250 cartas, observando os temas mais recorrentes de apelo nas correspondências dos devotos, como: saúde, vícios ligados à dependência química, trabalho, estudos e relações familiares. No que diz respeito à materialidade de tais textos, serão apresentados apenas alguns exemplares, com a finalidade de analisá-los à luz das reflexões e dos objetivos propostos.

Diante do exposto, o artigo se organiza da seguinte forma: esta introdução, na qual situamos o objeto da pesquisa; uma seção na qual refletimos sobre letramento e religiosidade como processos discursivos, a partir de seus pressupostos teóricos; na sequência, outra seção onde apresentamos como se dão as práticas de letramento e sua relação com a religiosidade. Por fim, seguem-se as considerações e referências.

2. LETRAMENTO COMO PRÁTICA SOCIAL E CULTURAL NA SUA RELAÇÃO COM A RELIGIOSIDADE DOS DEVOTOS

No campo da linguagem, a opção nesta pesquisa é por evidenciar processos de letramento em relação com a religiosidade, entendida como a forma pela qual a pessoa se relaciona com o transcendente. O estudo, incorporando práticas e tradições populares, envolve o gênero carta votiva e/ou ex-votiva, numa abordagem discursiva, o que implica considerar os enunciados dos autores como marcados por diversidades linguísticas, históricas e sociais. A essa concepção está, portanto, subjacente a ideia de que as cartas dos devotos significam formas de revelar seus letramentos.

Para Moraes (2009), uma carta, para ser compreendida de forma mais abrangente em uma pesquisa, deve ser tomada dentro de um contexto histórico e emocional. Portanto, esses enunciados escritos não podem ser entendidos sem considerar sua vinculação ao contexto do Santuário: a história das peregrinações, a identificação das grutas e as imagens devocionais em seu interior, bem como os objetos da Sala das Promessas. O gênero também se vincula aos comportamentos, gestos e aos rituais que envolvem sua entrega.

Por essa perspectiva, é fundamental aprofundar questões contextuais que envolvem as análises do gênero epistolar, isto é, ir além dos aspectos linguísticos e entender que há fatores de ordem externa que se acham associados aos discursos e aos textos que os materializam. Para uma compreensão do conceito de letramento em suas diferentes facetas, recorremos ao trabalho de Magda Soares.

> Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (Soares, 2001, p. 72).

A percepção é de que o letramento não é um atributo basicamente pessoal, mas social, uma prática situada na vida em sociedade. A escrita se faz presente não como um conjunto de habilidades individuais, mas relacionada às demandas, aos valores do contexto em que é inserida, bem como às relações de poder que interferem em seus usos. Na conexão com a religiosidade, o letramento é marcado por peculiar engajamento sociocultural e caracteriza modos de se relacionar com o sagrado.

Em outras palavras, o letramento religioso envolve várias simbologias e reconhecê-las é um caminho para um entendimento das cartas em conjunção com o contexto sagrado. Segundo Croatto (2010, p. 87), "as coisas não são simbólicas em si mesmas, são constituídas simbolicamente por algum tipo de experiência humana. Mas todas podem ser elevadas à dimensão de símbolos, sejam eles profanos ou religiosos". Assim, as cartas denotam um potencial por moldar criativamente uma experiência com o sagrado.

Ao explicitar a vivência do sagrado, Mircea Eliade (1992 [1957]) esclarece que a sacralidade se distingue da experiência profana, por manter uma ideia religiosa visivelmente presente, visto que o espaço sagrado constitui um ponto de referência, um ponto fixo que lhe dá sentido religioso. De qualquer modo, a sacralidade é uma forma de conceber o mundo e um modo pelo qual o adepto experiencia a ação dos objetos reverenciados.

> As coisas sagradas o são por causa do imenso papel que desempenham e do absoluto primado que têm no mundo de uma pessoa. Não entender esse papel é o mesmo que não entender a razão de ser do comportamento, já que o que é sagrado funciona como o que é "real" (Paden, 2001, p. 132).

O conceito de sagrado torna-se, portanto, fundamental para entender as práticas religiosas dos devotos. Ainda segundo Paden (2001, p. 173), "[a] finalidade da linguagem religiosa não é só representar o mundo, mas encená-lo. O sagrado é encenado por palavras, histórias, imagens, e pela construção de espaço e tempo consagrados". Assim, o letramento religioso é diferente das práticas cotidianas, uma vez que, ao não se ater apenas a este mundo humano, situa-se na dimensão da transcendência, na busca de uma realidade sobrenatural, relacionada com a crença nos poderes da escrita, de outros objetos e comportamentos, para além do mundo material.

É importante explicar que nossa abordagem religiosa contempla o catolicismo mais ligado à religiosidade popular. Nesse caso, o foco na religiosidade como motivação de escrita requer também uma compreensão da prática devocional: uma experiência imediata de relação com o transcendente que o fiel constrói a partir de práticas discursivas. Segundo o *Dicionário de religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*, a devoção popular é a expressão da fé cristã em uma cultura particular e a religiosidade se manifesta de forma espontânea, muitas vezes extrapolando as normas institucionais (Van Der Poel, 2013).

É inevitável envolver a devoção ao Bom Jesus da Lapa à chegada do ermitão Francisco de Mendonça Mar à gruta, no final do século XVII, mais precisamente, em 1691. A explicação histórica é de que as peregrinações se iniciaram com o protagonismo desse descendente de português que passou a habitar a gruta. Na lenda, o lugar, que anteriormente era habitado por animais, foi transformado em um santuário pela fé popular. Em sua *Resenha Histórica de Bom Jesus da Lapa*, o Pe. Turíbio Villanova Segura exalta a fé católica, associando a chegada do monge à gruta como previsível no plano divino e favorável à movimentação do colonizador:

> Parece algo providencial que no mesmo ano que se descobriam as extensas e opulentas minas do Brasil e começava uma nova era de prosperidade para a colônia e a metrópole, o Monge, inspirado por Deus, descobrisse esta Gruta, bem em meio à estrada de ambos os Estados, e fizesse dela o trono grandioso, ciclópico, da imagem do Bom Jesus da Lapa. Este presidiu e abençoou desde a aurora até o ocaso a idade de ouro do Brasil (Segura, 1986 [1937], p. 110).

Assim se estabeleceram a devoção e a peregrinação, desde o passado bandeirante, quando a Lapa era caminho para as Minas Gerais e passou a abrigar os viajantes que faziam pouso no local e rendiam graças ao Bom Jesus. No projeto do colonizador português, não foi por acaso que no mesmo período foram implantadas na região do São Francisco as sesmarias, criando, com isso, duas forças expansionistas: a religiosa e a econômica, esta última por meio das fazendas de gado.

> Alguns annos depois, tendo o Arcebispo D. Sebastiaõ Monteiro da Vide, noticia deste prodígio da natureza, e da vida, que nella fazia Francisco de Mendoça, o mandou chamar, e informado de todas as circunstancias do logar, e do Eremita, enviou a elle hum Visitador, o qual achou decentemente ornados os Altares com as esmolas dos peregrinos, que já concorriaõ àquelle novo Santuário pelos muitos milagres, que a Senhora, obrava em todos quantos enfermos que hiaõ alli buscar. Erigio o Arcebispo em Capella a lapa, e ordenou de Sacerdote ao Padre Francisco da Soledade, a quem a encarregou (Pita, 1730, p. 312).

Em seu processo histórico, o Santuário Bom Jesus da Lapa evoluiu de simples abrigo de um peregrino. As convicções religiosas, que se iniciaram numa linguagem leiga, foram marcadas por novos letramentos religiosos, desde o ano de 1706, quando o Padre Francisco da Soledade foi designado como primeiro capelão da Lapa. Nesse processo de ressignificação, sacralização e participação dos fiéis, a igreja católica, de acordo com suas doutrinas, "organizou" o templo sagrado. Essas situações denotam que o letramento religioso foi influenciado pelo colonialismo e que, portanto, entender a devoção ao Bom Jesus da Lapa implica entender um aspecto revelador da colonização brasileira.

Assim, ao longo do tempo, a instituição religiosa manteve suas formas práticas (simbólicas e ideológicas) de interagir com os devotos, como, por exemplo, por meio das imagens, dos altares, das celebrações litúrgicas, das escrituras sagradas, entre outras. Com isso, esse campo singular de simbologias, cada vez mais chama a atenção de fiéis e visitantes de diversas procedências ao longo do tempo, mesmo que nem todos compartilhem idênticas simbologias e os mesmos sentimentos de religiosidade.

Nesse contexto de interação, o devoto se constrói como sujeito inserido discursivamente nesse domínio religioso e numa prática cultural de devoção particular do ambiente criado, especificamente, pela prática epistolar que, ao mesmo tempo que faz parte desse letramento religioso, se insere em relações de poder e de vivência cultural e humana. Assim, nesse cenário celebrativo dos ritos sagrados, por meio das cartas, os devotos se situam na condição de enunciadores de seus próprios discursos. Um efeito visível desse protagonismo é a abundância de objetos que são expostos na Sala das Promessas, como oferendas que fazem parte da peregrinação, a exemplo das cartas.

Estas, embora envolvam o ritual de cumprir promessa, não se situam apenas em simples entrega. Em seus textos, os devotos não se limitam a expor um milagre que se deseja alcançar ou que já se alcançou; são narrativas sobre ocorrências que fazem parte da vida de autores, os quais criam seus enunciados numa relação dialógica entre fé e escrita. De acordo com Croatto (2010, p. 41-42), o viver humano "oscila constantemente entre o subjetivo e o intersubjetivo ou relacional". O subjetivo é a dimensão individual, como: desejos, projetos, realizações ou frustrações de qualquer pessoa. O intersubjetivo é uma vivência relacional com o mundo - a natureza, a vida e o que a realidade oferece -, com o outro indivíduo e com o grupo humano, como família, comunidade, trabalho, religião, etnia, nação etc. A escrita, nesse caso, é uma espécie de ponte entre o sujeito e a intersubjetividade e se constitui como uma prática social partilhada com quem possui as mesmas crenças, mesmo considerando que o destinatário das cartas está na dimensão do transcendental.

As narrativas explicitadas nas cartas, envolvendo sempre um desejo de resolver um problema, estão enredadas nessas relações que permeiam as subjetividades e intersubjetividades. Em suma, as cartas dos devotos são parte integrante da experiência religiosa: os que deixam seus objetos votivos situam-se como sujeitos fazendo parte de uma coletividade, de uma cultura religiosa e dos escritos e objetos a ela relacionados, assim como das práticas letradas do Santuário Bom Jesus.

3. COMPREENDENDO AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO E SUA RELAÇÃO COM A RELIGIOSIDADE

De acordo com Eliade (1992 [1957]), toda experiência religiosa é expressa e transmitida em um contexto histórico específico. Assim também se dá com as práticas de letramento que, por serem situadas, variam de acordo com as diferentes formas de leitura e escrita e os objetivos de seus usos; "elas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar" (Street, 2007, p. 466).

As práticas de letramento apresentadas neste trabalho são relacionadas às cartas votivas e ex-votivas depositadas no Santuário Bom Jesus da Lapa. Em uma análise dos principais temas que são objeto dessas cartas, observadas no contexto da pesquisa, identificam-se temas relacionados a problemas que atravessam diferentes contextos históricos e sociais, como relações familiares e sentimentais, saúde e outros que são relacionados a questões contemporâneas, como emprego, estudo e conquista da casa própria.

As cartas, na sua materialidade, apresentam-se, em sua grande maioria, manuscritas e tendo como suporte uma folha comum de caderno, mas, em menor percentual, são também encontradas cartas digitadas e impressas. No quantitativo analisado, há um percentual de 85% cartas escritas à mão, enquanto 15% são digitadas e impressas. Constata-se que há uma cultura do manuscrito nessa produção, que pode se referir à ideia do poder simbólico do gesto de escrever com o próprio punho e escrever de coração, no sentido dado por Bouza (2019), mas isso pode fazer referência também a uma maneira íntima e informal de apresentação e mesmo à condição social de pouco acesso a outros meios de inscrição do texto.

Outro aspecto importante é que a carta, em sua textualidade, como manifestação do letramento, perpassa o contexto sociocultural de sua produção, as performances que são típicas do ato de entrega, as representações e os valores associados à escrita que os devotos assumem e difundem. Seus autores se movem de forma variável entre a oralidade e a escrita, "como duas modalidades enunciativas complementares dentro de um contínuo de variações" (Marcuschi, 2008, p. 64).

Em meio a essas peculiaridades gráficas, é possível observar que, por si mesmos, ou por mãos de outros, os devotos lançam-se socialmente utilizando as possibilidades e os poderes da materialidade da escrita, não importa se a experiência com a escrita é vasta ou se é constituída apenas por breves noções. Muitas cartas são expostas sem envelopes, ao passo que também se encontram cartas lacradas em envelopes improvisados, como forma de proteger o segredo da comunicação.

Em sua complexidade, essa comunicação é absolutamente diferente de qualquer outra da tradição epistolar, possui configuração geralmente não encontrada em outras áreas da vida social, pois consiste na interconexão entre este mundo e o outro mundo invisível. Assim, uma das particularidades discursivas das cartas dos devotos é o fato de seu/sua autor/a dirigir-se a um interlocutor que não pertence a essa esfera terrestre, implicando, portanto, uma experiência transcendental.

A pesquisa nos mostrou que o gênero realça os sujeitos/autores inseridos discursivamente no espaço religioso, portanto, é preciso destacar que, no interior das diversas grutas com suas belezas naturais, entre os símbolos religiosos, há várias imagens sagradas dos santos de devoção dos fiéis que compõem ou reconfiguram simbolicamente as próprias cartas. Com seu significado, cada imagem desempenha um papel no lugar onde se encontra, pela capacidade de influenciar e inspirar sentimentos. Nesse sentido, portanto, o Cristo Crucificado, fixado no altar-mor do Santuário, é a representação central do Bom Jesus da Lapa, a imagem de maior destaque nas promessas dos devotos.

Nesse contexto, as percepções e usos do letramento, concebidos como um pacto, envolvem instâncias de poder: há o que pede e o que concede (ou não). Permeando cada aspecto da prática de escrever ao sagrado, está uma forte ênfase na explícita expressão de fé e confiança nos poderes religiosos, de forma que o santo é como um amigo que atende aos pedidos que são feitos a ele e, depois, as promessas devem necessariamente ser cumpridas. Nesse sentido, as deliberações dos promesseiros são diversas, como podemos perceber no fragmento da carta da devota TMN*:* "eu de joelho pedi ao bom Jesus e ao Divino pai Eterno que se eu encontrasse solução para meu caso, eu enviaria um pescoço de cera para colocar nos pés do Bom Jesus e também mandaria um testemunho para o Divino pai Eterno" (Carta n. 55 do ***corpus*** de pesquisa).

A carta da devota, com foco na escrita em interação com a oralidade, explicita como se deu o pedido, não apenas ao Bom Jesus, uma vez que o Divino Pai Eterno também foi inserido como interlocutor. Assim, na busca do milagre, simultânea à ação não-verbal de ajoelhar-se, foi realizada a promessa de enviar o ex-voto como comprovação da intervenção. Conforme nos explica Da Matta:

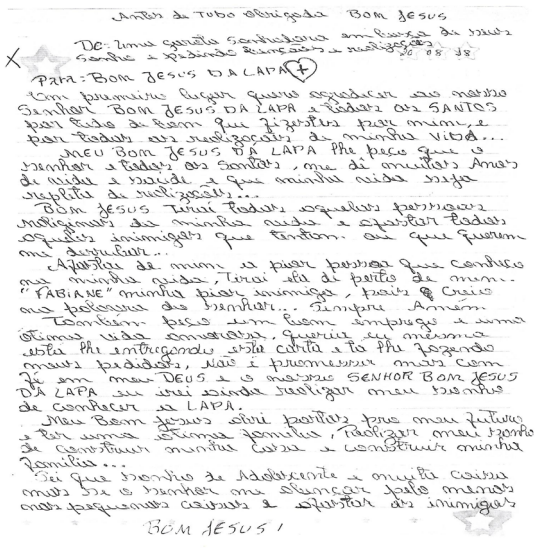
> [A] promessa é um pacto que obriga os dois lados a alguma ação positiva no sentido de resolver o problema apresentado. Se eu, assim, peço uma graça e logo em seguida me sacrifico com a oferta de algo precioso para o santo (ou santa) de minha devoção, a lógica social faz com que ele (ou ela) também se obrigue a resolver meu problema, atendendo cortesmente a minha súplica (Da Mata, 1986, p. 74).

Assim se realiza a promessa: uma relação singular entre devotos e seus receptores invisíveis, vê-se atitudes humanas diante do sagrado, envolvendo também práticas seculares ou profanas. A percepção é a de que os problemas requerem solução religiosa, ficando implícito um discurso de que os poderes do céu agem do mesmo modo que neste mundo físico, em interação com o ser humano, a partir de um pedido, ou invocação.

Nesse sentido, as cartas são páginas que contam histórias de vida, relatam alegrias, conflitos, realizações, esperanças e angústias, bem como mobilizam experiências históricas construídas socialmente. Fiorin (1994, p. 29) reconhece que "o discurso não se constrói sobre o mesmo, mas se elabora em vista do outro. Em outras palavras, o outro perpassa, atravessa, condiciona o discurso

do eu". Portanto, a construção do enunciado se dá com base na referência que o/a próprio/a autor/a elabora sobre seu interlocutor, como podemos perceber na carta da devota BSS, em que manifesta agradecimentos ao Bom Jesus e a todos os santos, quando apresenta as demandas para si mesma: ter vida longa, saudável e repleta de realizações.

Figura 01 – Fragmento da Carta n. 127 do ***corpus*** de pesquisa



Antes de Tudo Obrigada Bom Jesus
De: uma garota Sonhadora em busca de seus sonho e pedindo bênçãos e realizações
20.08.18

Para: BOM JESUS DA LAPA

Em primeiro lugar quero agradecer ao nosso Senhor BOM JESUS DA LAPA e todos os SANTOS por tudo de bom que fizestes por mim, e por todas as realizações de minha VIDA...

MEU BOM JESUS DA LAPA lhe peço que o senhor e todos os Santos, me dê muitos Anos de vida e saúde e que minha vida seja repleta de realizações...

Bom Jesus tire todas aquelas pessoas maliginas da minha vida e afaste todos aqueles inimigos que tentam ou que querem me derrubar [...]

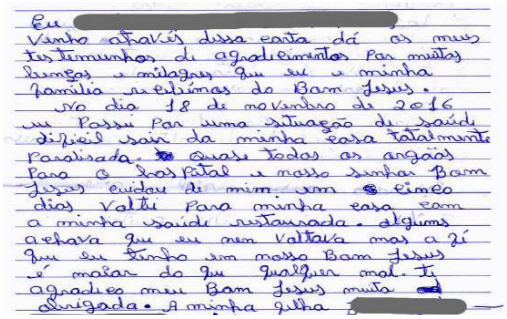
Fonte: Cedida pelo Santuário Bom Jesus da Lapa, em 2018, para realização da pesquisa.

O exemplo anterior pode ser analisado por diversos ângulos. Optamos por refletir sobre a forma espontânea e objetiva do pedido da devota, que se identifica como "uma garota em busca de seus sonhos...". O estilo manifestado na carta demonstra uma relação de proximidade entre a locutora e seu interlocutor, denota expressão de confiança na proteção e o apelo da enunciação coloca a entidade superior como capaz de solucionar, por si só, qualquer demanda. Ao olhar sobre si, a devota demonstra um sentimento de quem se sente hostilizada por inimigos, assim, outro pedido ao Bom Jesus é que afaste do seu convívio os que a querem "derrubar".

Observamos que os discursos nas cartas tomam tons diferentes segundo as percepções do emissor em relação ao seu interlocutor do outro mundo. Um exemplo é como são produzidas as saudações, capazes de revelar uma relação mais formal, conforme a expressão: "Ao Senhor Bom Jesus". Já as expressões "Meu Bom Jesus da Lapa", "Meu querido Bom Jesus da Lapa", "Meu maravilhoso Bom Jesus da Lapa, "Meu glorioso Bom Jesus da Lapa", são mais informais, apoiadas em uma fé intimista, em que o sagrado comporta certas dimensões profanas – um Jesus exclusivo que é chamado de "meu". Também alguns simbolismos especiais vão se agregando ao nome Jesus: o qualitativo "bom" e o seu lugar de referência – "da Lapa" –, que faz reportar às crônicas antigas da gruta e sua sacralização.

Nesse sentido, as cartas dos devotos ilustram bem a ideia de letramento no plural – letramentos –, levando em conta o uso da escrita e seus contextos, seus objetivos e a relação locutor/interlocutor. São produções complexas e produzidas por sujeitos heterogêneos que apresentam as próprias vozes sociais e a de outros. Reconhecemos um caráter múltiplo em sua forma e em seu conteúdo, tendo em vista os diversos elementos imbricados, mobilizando discursos religiosos e também seculares, como podemos observar no conteúdo da correspondência a seguir, com pedido e agradecimento relacionados à saúde:

Figura 2 – Fragmento da Carta n. 51 do ***corpus*** de pesquisa



[...] Eu ZPSF Venho através dessa carta dá os meus testemunhos de agradecimentos Por muitas benças e milagres que eu e minha família recebemos do Bom Jesus.
No dia 18 de novembro de 2016 eu Passei Por uma situação de saúde difícil sair da minha casa totalmente paralisada. Quase todos os órgãos Para o hospital e nosso senhor Bom Jesus cuidou de mim em cinco dias voltei Para minha casa com a minha saúde restaurada. Algums achava que eu nem Voltava mas a fé que eu tenho em nosso Bom Jesus é maior que qualquer mal. Te agradeço meu Bom Jesus muito obrigada. [...]

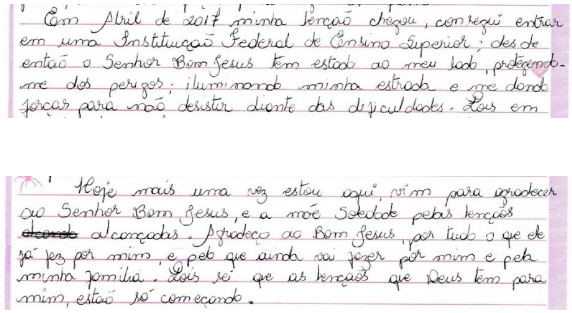
Fonte: Cedida pelo Santuário Bom Jesus da Lapa, em 2018, para realização da pesquisa.

Ao utilizar a expressão "Eu ZPSF Venho através dessa carta...", a pessoa que assume a autoria ("eu") é identificada e supomos que seja quem escreve o referido gênero. Contudo, recorre à forma típica do gênero testemunho. Nesse aspecto da carta ex-votiva, há confluência de gêneros e domínios discursivos, caracterizando uma hibridização de gêneros. A narrativa faz referência aos milagres e apresenta o testemunho de agradecimento pela situação de saúde difícil da autora, sua ida ao hospital e, por fim, sua recuperação.

Fica explícita a confiança nos cuidados e proteção do Bom Jesus, porém, nem tudo se resolveu por meio da religião, ou seja, o poder do céu por si só não produziu a cura, tendo sido necessário o tratamento médico. A carta sintoniza-se com uma experiência religiosa, é uma simbologia perante a situação difícil enfrentada, uma narrativa que expressa um júbilo frente ao divino; por certo, ao se tornar pública, representa uma forma de gerar poderes e acaba funcionando como difusora da fé.

É muito frequente nas cartas uma referência ao ato de estar presente ou não no Santuário. Na lógica da peregrinação, para ir ao santuário, essa escrita é necessária, uma vez que a romaria é um movimento que envolve a entrega da carta. A seguir, apresentamos o fragmento de uma carta que trata sobre pedido e agradecimento relacionado a estudos.

Figura 03 – Fragmentos da Carta n. 04 do ***corpus*** de pesquisa



[...] Em abril de 2017 minha benção chegou, consegui entrar em uma Instituição Federal de Ensino Superior; desde então o Senhor Bom Jesus tem estado ao meu lado, protegendo-me dos perigos; iluminando minha estrada e me dando forças para não desistir diante das dificuldades [...].
[...] Hoje mais uma vez estou aqui, vim para agradecer ao Senhor Bom Jesus, e a mãe Soledade pelas bençãos alcançadas. Agradeço ao Bom Jesus, por tudo o que ele já fez por mim, e pelo que ainda vai fazer por mim e pela minha família. Pois sei que as bençãos que Deus tem para mim, estão só começando.

Fonte: Cedida pelo Santuário Bom Jesus da Lapa, em 2018, para realização da pesquisa.

A bênção alcançada foi "entrar em uma Instituição Federal de Ensino Superior" como estudante, portanto, a motivação da carta é o agradecimento, já que o pedido foi alcançado. A expressão "vim para agradecer" indica que, estando no Santuário, ainda assim, ela levou a carta, o que significa que fazer romaria e escrever ao sagrado são práticas complementares da devoção. A súplica foi realizada no próprio Santuário Bom Jesus e, em outra parte da carta, a devota considera ter sido atendida depois de dois anos, um período longo de espera, que marca sua confiança nas habilidades do Bom Jesus de realizar milagres.

Em um contexto especial, a devota coloca por escrito suas necessidades e limitações e como fez para superá-las. Isso implica que as cartas, fazendo parte do letramento dos fiéis, caracterizam o poder da escrita como capaz de mobilizar relações. Em seus discursos, predomina uma intencionalidade de ter contato com o sagrado, como forma de os sujeitos lidarem com sua religiosidade. Nesse aspecto, a devoção molda os discursos e as ações dos promesseiros, conforme observamos as motivações religiosas que movem a autora da carta a seguir:

> [...] SE O SENHOR ME PERMITIR AINDA NESSE ANO CONCEBER MEU BEBEZINHO PROVAVELMENTE O ANO QUE VEM JÁ GANHEI E IREI PRA LAPA COM MEU BEBÊ NO COLO OU NA BARRIGA E PROMETO ME VESTIR DE COMO NOSSA SENHORA DE TUNICA BRANCA E VEU AZUL E DEIXAREI NOS PÉ DA IMAGEM DO BOM JESUS. ESSA É A MINHA PROMESSA COM O SENHOR [...] (Fragmento da Carta n. 48).

O fragmento de correspondência exposto acima é de uma carta anônima digitada com letras maiúsculas e impressa em uma folha de papel. É um apelo da devota em seu desejo de maternidade e, com esse propósito, recorre a determinadas estratégias: compromete-se a comparecer ao Santuário vestida de túnica branca e véu azul, deixando essa vestimenta nos pés do Bom Jesus. Desse modo, observamos que cada carta particulariza suas necessidades e os modos de se relacionar com o sagrado.

Dessa forma, é possível compreender que os motivos de entrega das cartas pelos devotos têm em vista o seu interlocutor e seus poderes, como consequência da fé e da crença. Trata-se de uma prática de expressão social dos problemas e desafios cotidianos, assim como das conquistas e superações ligadas à família, ao trabalho, aos estudos, aos vícios e aos processos ligados ao adoecimento, à dor e às várias adversidades.

Assim, oralidade, leitura e escrita são usadas em contextos reais no Santuário Bom Jesus, por meio de encadeamentos de enunciados marcados pela fé e pela cultura. A força simbólica da experiência religiosa de escrever ao sagrado mobiliza uma relação do fiel consigo mesmo e reflete, enfim, formas encontradas por devotos para aplicar as habilidades ou saberes advindos do letramento, seja escrevendo de próprio punho, seja delegando, possivelmente, a outros o ato da escrita, seja, mais raramente, usando um teclado, a fim de atender a seus propósitos e necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolhermos estudar as cartas dos devotos do Santuário Bom Jesus da Lapa, nosso objetivo foi o de empreender uma reflexão sobre as práticas sociais de letramento e sua relação com a religiosidade. Para as análises, fundamentamo-nos no princípio de que esses textos fazem parte de um conjunto de práticas sociais de leitura, escrita e oralidade, tendo em vista que a escrita é utilizada de maneira diferenciada entre as culturas (Street, 2006).

O Santuário Bom Jesus, como um templo católico, faz uso generalizado da escrita por meio das mobilizações de caráter institucional, a começar pelos textos sagrados. Ler esses textos, ouvir de alguém sua leitura, participar de rituais e assistir a sermões com tais textos sendo interpretados são práticas que envolvem simbolismos específicos revestidos de fatores ideológicos e religiosos.

Também ocorrem as experiências individuais dos fiéis, como as experiências nas quais se percebe certa autonomia do devoto no que diz respeito às suas ações devocionais, a exemplo das cartas que trazem como destinatário o Bom Jesus da Lapa. Essas cartas apresentam em seu conteúdo os pedidos e agradecimentos, conforme as situações explicitadas por seus emissores, e advêm do desejo ou da urgência de resolver um problema de difícil solução neste plano terreno.

Dessa forma, em sua vivência cultural e humana, o devoto é tensionado pelo desejo de escrever ao sagrado, seja para pedir uma graça ou para agradecer por um milagre alcançado. A respeito das cartas como objeto votivo e ex-votivo, também podemos refletir sobre o diálogo desses sujeitos/autores que, em suas narrativas, marcam uma relação hierárquica, focada na compreensão dos poderes da divindade, que poderá oferecer uma graça, para a qual o devoto precisa pedir e se mostrar digno.

No âmbito do Santuário, por meio dos votos e ex-votos – especificamente as cartas –, na discursividade dessas escritas como parte da enunciação, destacamos seus aspectos textuais, simbólicos, sociais, culturais e religiosos. A análise das formas textuais e de suas materialidades nos faz notar as condições próprias das escritas de seus autores, atravessadas por processos históricos e sociais. Dessa forma, são escritas conforme as condições possíveis de seus autores, ou por mãos de outras pessoas, além de manifestarem, também, distintos modos de devoção.

Atentar ao espaço sagrado do Santuário, levando em conta a história da sua consolidação como uma hierofania, ajudou-nos a entender o catolicismo popular, as experiências com o sagrado por meio das cartas e das práticas às quais elas se referem – condições que marcam o letramento religioso como resultado de uma longa história. O Santuário é, então, um contexto de usos e apropriações da cultura escrita, cuja história coincide com a de muitos outros locais de romaria, em que tudo se inicia com uma imagem milagrosa.

Assim, as cartas dos devotos são formas específicas de envolvimento e interação no templo sagrado. Tais práticas, embora não sejam institucionalizadas, recebem certo apoio da instituição que cria as condições para que elas existam, uma vez que elas são expostas por algum período e dialogam com um ambiente construído no e pelo santuário. No conteúdo das cartas, há um entrecruzamento de discursos envolvendo a devoção e também os dogmas da Igreja Católica. Sob o aspecto devocional, podemos incluir os relatos de um poder mágico ligado a situações de milagre, proteção, cura, bênçãos e redenção. Sob o aspecto dos dogmas, há uma recorrência às "verdades" da Igreja Católica, conforme podemos exemplificar, com base nas cartas, a partir das situações em que seus autores dialogam com questões ideológicas, como a existência, a unicidade e a eternidade de Deus.

As cartas despontam como um elemento privilegiado de participação na romaria e, nelas, encontramos uma série de informações entrelaçadas em dores, sofrimentos, júbilos e mistérios, guardam sonhos e expectativas. Em síntese, elas são como fragmentos de si mesmos que se materializam na escrita como votos ou ex-votos em papel. Por fim, essa escrita epistolar tem o efeito de expandir os índices de letramento dos devotos, particularmente entre os peregrinos, ao ampliar a escrita aos domínios religioso e subjetivo, ao abordar questões pessoais, além de usar a oralidade, a leitura e a escrita como parte de repertórios comunicativos.

Referências

ALMEIDA, Elvina Perpétua Ramos. ***Letramentos em escritas de fé***: as cartas dos devotos Bom Jesus da Lapa. 2021, 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/items/176c5193-0966-4d9e-9dfb-b957eb3b81ae Acesso em: 10 fev. 2026.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. ***O método nas Ciências Naturais e Sociais:*** Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Thomson. 1998.

BAKHTIN, Mikhail M. ***Estética da criação verbal.*** Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2011 [1979].

BARTON, David. ***Literacy:*** an introduction to the ecology of written language. 2. ed.Oxford: Blackwell, 2007.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. La literacidad entendida como práctica social. ***In***: ZAVALA, Virgínia; NOÑO-MUCIA, Mercedes; AMES, Patrícia (Orgs.). ***Escritura y sociedad.*** Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004. p. 109-139.

BOUZA, Fernando**.** Escribir a corazón abierto: emoción, intención y expresión del ánimo en la escritura de los siglos XVI y XVII. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 35, n. 68, p. 507-534, maio-ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-87752019000200006> Acesso em: 10 fev. 2026.

BRASIL. Lei n.º 15.197, de 5 de setembro de 2025. Declara como manifestação da cultura nacional a Romaria do Senhor Bom Jesus da Lapa, no Estado da Bahia. ***Diário Oficial da União***, Brasília, DF, 5 set. 2025. Disponível em: https://legislacao.presidencia.gov.br Acesso em: 10 fev. 2026.

CROATTO, José Severino. ***As linguagens da experiência religiosa***: uma introdução à fenomenologia da religião. Tradução de Carlos Maria Vásquez Gutierrez. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

DAMATTA, Roberto Augusto. Os caminhos para Deus. ***In***: DAMATTA, Roberto Augusto. ***O que faz o brasil, Brasil?*** Rio de Janeiro: Rocco. 1986. p. 107-118.

ELIADE, Mircea. ***O sagrado e o profano.*** Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes. 1992 [1957].

FIORIN, José Luiz. Polifonia Textual e discursiva. ***In***: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Orgs.) ***Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade***. São Paulo: Edusp, 1994. p. 29-36.

FIORIN, José Luiz. ***Introdução ao pensamento de Bakhtin***. São Paulo: Ática, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. ***Produção textual, análise de gêneros e compreensão***. São Paulo: Parábola, 2008.

MORAES, Marcos Antônio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. ***Patrimônio e Memória***, Unesp, FCLAs, CEDAP, v. 4, n. 2, p. 115-128, 2009.

PADEN, William E. ***Interpretando o Sagrado:*** modos de conceber a religião. Tradução de Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2001.

PITA, Sebastião da Rocha. ***História da América Portugueza, desde o anno de 1500 de seu descobrimento até o de 1724***. Lisboa: Off. de Joseph Antônio da Sylva, 1730. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242473 Acesso em: 20 fev. 2026.

SEGURA, Turíbio Vilanova. ***Bom Jesus da Lapa***: resenha histórica. 5. ed. [s.l.]: Gráfica Bom Jesus, 1986 [1937].

SOARES, Magda. ***Letramento:*** um tema em três gêneros**.** 2. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

STEIL, Carlos. ***O Sertão das Romarias:*** um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa. Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

STREET, Brian V. ***Literacy in theory and practice.*** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian V. Perspectivas interculturais sobre o letramento. Tradução de Marcos Bagno. ***Filologia e Linguística Portuguesa***, Brasil, n. 8, p. 465-488, agosto, 2006. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59767/62876 Acesso em: 10 fev. 2026.

VAN DER POEL, Franciscus Henricus (Frei Chico). ***Dicionário da religiosidade popular:*** cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

Recebido em: 19/03/2026
Aceito em: 16/05/2026